

Capítulo I

País de Gales, Março de 1814

Chamavam-no de o “Conde Cigano” e, às vezes, de “Velho Nick”, como na lenda. À boca pequena, dizia-se que havia seduzido a jovem esposa do avô, partido o coração deste e, no fim, levado a própria esposa para o túmulo. Contavam também que era capaz de qualquer coisa.

Apenas esta última afirmação interessou a Clare Morgan, conforme seu olhar seguia o homem que galopava em seu cavalo pelo vale, como se todo o fogo do inferno o perseguisse. Nicholas Davies, o Conde Cigano de Aberdare, finalmente tinha chegado em casa após quatro longos anos. Talvez fosse permanecer ali, mas era possível que partisse de novo na manhã seguinte.

Por isso ela precisava agir depressa.

Demorou-se um pouco mais, no entanto, sabendo que ele nunca a veria em meio às árvores de onde o espionava. O conde montava seu garanhão em pelo, exibindo sua habilidade com o animal, e estava vestido de preto, com exceção do lenço vermelho amarrado no pescoço.

Mas estava longe demais para que ela visse seu rosto.

Clare se perguntou se ele havia mudado, em seguida decidiu que a verdadeira questão não era “se”, mas “quanto”. Fosse qual fosse a verdade por trás dos acontecimentos violentos que o tinham levado para longe, estes deviam ter sido devastadores.

Será que se lembrava dela? Provavelmente não. Ele só a vira umas poucas vezes, e ela não passava de uma criança naquele tempo. Chamado de visconde Tregar na época, era quatro anos mais velho que ela, e crianças mais velhas nunca prestavam muita atenção às mais novas.

Já o contrário não era verdade.

Enquanto voltava para a aldeia de Penreith, Clare repassou

mentalmente seus argumentos e justificativas. De uma forma ou de outra, deveria convencer o Conde Cigano a ajudá-la. Ninguém além dele poderia fazer isso.

Por alguns breves minutos, enquanto seu garanhão rasgava a propriedade como uma rajada de vento, Nicholas foi capaz de se perder na alegria de sua velocidade.

A realidade, contudo, logo se abateu sobre ele quando o passeio terminou e ele se viu outra vez em casa.

Em seus anos no exterior, tinha sonhado muitas vezes com Aberdare, dividido entre o desejo e o medo do que iria encontrar por lá. As vinte e quatro horas após seu retorno provaram que seus temores eram justificados. Havia sido um tolo em pensar que quatro anos de distância pudessem obliterar o passado. Cada quarto daquela casa, cada acre daquele vale evocava lembranças. Algumas eram felizes, porém estas tinham sido encobertas por acontecimentos mais recentes, contaminando tudo o que ele um dia amara. Talvez, em seus momentos de fúria antes de morrer, o antigo conde houvesse rogado uma praga sobre o vale, de modo que seu desprezível neto nunca mais fosse conhecer a felicidade por ali.

Nicholas caminhou até a janela do quarto e olhou para fora. O vale continuava lindo como sempre: selvagem nas alturas, bem-cultivado mais embaixo. Os verdes delicados da primavera começavam a se mostrar, e logo haveria narcisos. Quando menino, ele ajudara os jardineiros a plantar suas sementes sob as árvores, ficando todo enlameado no processo, o que seu avô vira como mais uma prova de sua inadequação como herdeiro.

Ergueu os olhos para o castelo em ruínas que pairava sobre o vale. Durante séculos, suas paredes espessas haviam sido a fortaleza e o lar da família Davies. Tempos de paz tinham levado seu trisavô a construir a mansão, considerada mais adequada a uma das famílias mais ricas da Grã-Bretanha.

Entre outras vantagens, a casa tinha muitos quartos, pelo que ele ficara agradecido no dia anterior. Nunca considerara utilizar o cômodo que fora do avô, e entrar em seu próprio quarto provara

ser uma experiência angustiante, pois lhe era impossível ver seu antigo leito sem imaginar Caroline nele, o corpo nu e exuberante esperando-o de braços abertos.

Por isso tinha escolhido um dos quartos de hóspedes. Ao menos este lhe garantiria segurança e o quase anonimato de um hotel caro.

Mesmo assim, Nicholas dormiu mal, assombrado por pesadelos e lembranças. Tanto que, pela manhã, chegou à dura conclusão de que deveria cortar todos os laços com Aberdare. Ele jamais iria reencontrar sua paz de espírito ali.

Assim como não o fizera em quatro anos de constantes viagens.

Seria possível para ele abrir mão da herança e vender seus bens? Precisava perguntar a um advogado. A ideia de vender a propriedade doía. Seria como amputar um braço.

Mas, se um membro estava podre, não havia escolha.

Por outro lado, uma venda teria suas compensações. Agradava-lhe pensar que o fato de ele se livrar de tudo provavelmente causaria ao avô, onde quer que o hipócrita estivesse naquele momento, o equivalente a uma “apoplexia do além”.

De repente Nicholas deu meia-volta, marchou para fora do quarto e desceu a escada para a biblioteca. O modo como levaria o restante de sua vida era um tema muito triste para se contemplar, porém ele decerto poderia fazer algo a respeito nas horas seguintes. Com um pouco de esforço e uma boa dose de conhaque, qualquer problema poderia ser resolvido.

Clare nunca tinha estado dentro de Aberdare antes. A casa principal da propriedade era tão grande quanto ela esperava, porém sombria, com a maioria dos móveis ainda escondidos sob cobertas de linho cru. Quatro anos de vazio tinham deixado o lugar com um ar desamparado.

E o mordomo, Williams, parecia igualmente depressivo. Não queria levá-la até a presença do conde sem antes anunciá-la.

Clare, entretanto, havia crescido na aldeia, e por isso conseguiu persuadi-lo.

Williams a acompanhou por um longo corredor e abriu a porta

da biblioteca.

— A srta. Clare Morgan deseja vê-lo, milorde. Disse tratar-se de um assunto urgente.

Reunindo coragem, ela adentrou a biblioteca, não querendo dar tempo para o conde recusar sua presença. Se falhasse naquele dia, não teria outra chance.

Ele se encontrava junto à janela, olhando o vale. Tinha jogado a casaca sobre uma cadeira, e a informalidade da camisa de mangas longas lhe dava um ar jovial.

Estranho que fosse conhecido como Velho Nick, quando mal chegara aos trinta, matutou Clare.

Quando a porta se fechou atrás de Williams, o nobre se virou, o olhar incidindo sobre ela. Embora não fosse excepcionalmente alto, irradiava poder, e Clare concluiu que, mesmo em uma idade em que a maioria dos rapazes era desajeitada, Nicholas se movia com absoluta segurança.

À primeira vista, parecia o mesmo. Isso se não estivesse ainda mais bonito do que era quatro anos antes... Ela não imaginara que fosse possível.

Mas ele havia mudado de fato. Podia ver isso em seus olhos. Antigamente eles brilhavam com um humor que levava os outros a rir com ele. Agora pareciam tão impenetráveis como uma pederneira galesa. Os duelos, os casos flagrantes e os escândalos tinham deixado sua marca.

Quando ela hesitou, perguntando a si mesma se deveria iniciar a conversa, ele perguntou:

— É parente do reverendo Thomas Morgan?

— Sou filha dele. E também professora em Penreith.

— Ah, claro. — O conde lançou-lhe um olhar entediado. — Lembro-me de ele viver com uma pirralha suja por perto.

— Eu não era mais suja do que você — retrucou Clare, chocada.

— Provavelmente não — concordou Nicholas com um sorriso nos olhos. — Eu era um desastre. Durante as aulas, seu pai se referia a você como um modelo de decoro... Eu a odiei sem nem mesmo tê-la conhecido.

Aquilo não deveria ter doído, mas doeu.

— Pois, para mim, ele disse que você era o menino mais inteligente que já havia ensinado, e que tinha um bom coração apesar da selvageria — Clare replicou com doçura.

— O julgamento de seu pai deixa muito a desejar — respondeu o conde, a leveza momentaneamente esquecida. — Como filha do pastor, imagino que esteja à procura de fundos para alguma causa digna e aborrecida. Da próxima vez, procure meu mordomo em lugar de me incomodar. Tenha um bom dia, srta. Morgan.

— O que quero discutir não é assunto para o seu mordomo — ela acrescentou depressa, quando ele começava a se afastar.

O conde torceu os lábios benfeitos.

— Mas deseja alguma coisa, não é? Todos desejam. — Nicholas caminhou até um armário repleto de bebidas e encheu a taça que levava na mão. — Seja o que for, não vai conseguir nada de mim. Prestar favores aristocráticos era uma peculiaridade do meu avô. Agora, por favor, retire-se enquanto a atmosfera continua civilizada.

Clare percebeu, então, que ele estava meio embriagado.

Pois muito bem. Já tinha lidado com bêbados antes.

— Lorde Aberdare, as pessoas estão sofrendo em Penreith, e o senhor é o único por aqui em condições de ajudar. Vai lhe custar muito pouco tempo ou dinheiro e...

— Eu não me importo se é pouco ou não! — ele a interrompeu à força. — Não quero nada com aquela aldeia ou com as pessoas que vivem nela! Está claro? Agora dê o fora daqui.

Clare sentiu sua obstinação aumentar.

— Eu não estou pedindo sua ajuda, milorde, estou exigindo! — retrucou, trêmula. — Devo explicar agora, ou esperar até que esteja sóbrio?

O conde a olhou com espanto.

— Se alguém aqui está bêbado, deve ser você. E se acha que o fato de ser mulher a poupará de força física, está enganada. Vai sair por bem, ou terei de colocá-la para fora? — Ele se moveu em sua direção com passos decididos, a camisa branca aberta no colarinho enfatizando a amplitude intimidadora dos ombros.

Resistindo ao impulso de recuar, Clare enfiou a mão no bolso da capa e puxou o pequeno livro que era a sua única esperança. Abrindo o volume na inscrição manuscrita, ergueu-a para que ele o visse.

— Lembra-se disto?

A mensagem era simples:

Reverendo Morgan, espero que algum dia eu seja capaz de retribuir tudo o que tem feito por mim. Com carinho, Nicholas Davies.

Os rabiscos de menino fizeram o conde estacar como se tivesse sido atingido. Seu olhar frio se deslocou do livro para o rosto de Clare.

— Joga para ganhar, não é? Acontece que está segurando as cartas erradas. Qualquer obrigação que eu poderia ter seria para com seu pai. Se ele deseja favores, deveria vir pedi-los pessoalmente.

— Ele não pode — respondeu Clare sem preâmbulos. — Meu pai morreu há dois anos.

Após um silêncio constrangedor, o conde suspirou.

— Eu sinto muito, srta. Morgan. Seu pai foi, com certeza, o único homem verdadeiramente bom que já conheci.

— Seu avô também era um homem bom. Ele concedeu muitas benesses para o povo de Penreith: o fundo para os pobres, a capela...

— *Poupe-me* — Nicholas a interrompeu antes que Clare listasse outros exemplos de caridade do antigo conde. — Eu sei que meu avô adorava dar exemplos de moral para as classes menos abastadas, mas isso não me comove.

— Ao menos ele assumiu suas responsabilidades — ela retrucou. — Você não fez uma só benfeitoria para a propriedade ou para a aldeia desde que as herdou.

— Padrão que tenho toda a intenção de manter. — Nicholas terminou a bebida e pousou a taça sobre a bandeja com um tilintar. — Nem o exemplo de seu pai nem o moralismo do antigo conde conseguiram me transformar em um cavalheiro. Não dou a mínima para ninguém nem para nada, e prefiro assim.

Clare o encarou, chocada.

— Como pode dizer tal coisa? Ninguém é tão insensível!

— Srta. Morgan, sua inocência é tocante. — Ele se recostou na borda da mesa e cruzou os braços sobre o peito largo, parecendo tão ardiloso quanto seu apelido. — É melhor sair antes que eu a desiluda ainda mais.

— Não se importa que seus vizinhos estejam sofrendo?

— Em uma só palavra, *não*. A Bíblia diz que os pobres sempre estarão conosco e, se Jesus não pôde mudar isso, certamente não serei eu quem o fará. — Ele abriu um sorriso zombeteiro. — Com a possível exceção de seu pai, nunca conheci um homem de caridade que não tivesse lá os seus motivos para trabalhar nesse âmbito. A maioria dos que demonstram generosidade o faz ou porque almeja a gratidão de seus subordinados, ou para se justificar. Eu, com meu honesto egoísmo, ao menos não sou hipócrita.

— Um hipócrita pode fazer o bem, mesmo que seus motivos não sejam dignos... o que o torna mais valioso do que alguém que carregue uma bandeira de honestidade — ela argumentou, seca. — Mas, que seja. Já que não acredita na caridade, do que gosta? Se é o dinheiro que lhe desperta algum entusiasmo, há muito que lucrar em Penreith.

Nicholas balançou a cabeça.

— Desculpe, mas também não me importo muito com dinheiro. Já tenho mais do que eu poderia gastar em dez vidas.

— Que bom para você — Clare murmurou, desejando poder dar meia-volta e sumir dali. Mas fazer isso seria admitir uma derrota, e ela nunca tinha sido boa nisso. Pensando que deveria haver alguma maneira de atingi-lo, perguntou: — O que seria necessário para fazê-lo mudar de ideia?

— Minha ajuda não está disponível por qualquer preço que esteja disposta a pagar.

— Vamos ver...

— Isso é uma proposta? — Os olhos escuros do conde a percorreram da cabeça aos pés de um modo quase ultrajante.

Ele tivera a intenção de chocá-la, e conseguira. Imediatamente, o rosto de Clare assumiu um tom vermelho e humilhante, porém ela não desviou o olhar.

— Se eu dissesse que sim, conseguiria convencê-lo a ajudar Penreith?

Nicholas a olhou com espanto.

— Meu Deus, você realmente se deixaria arruinar caso isso fosse ajudar nos seus planos?

— Se eu tivesse a certeza de que iria funcionar, sim — replicou ela, imprudente. — Minha virtude e alguns minutos de sofrimento seriam um preço pequeno a pagar se comparado ao das famílias passando fome e ao das vidas que serão perdidas quando a mina em Penreith vier abaixo.

Um lampejo de interesse brilhou nos olhos escuros, e por um momento o conde pareceu prestes a convidá-la a se explicar melhor.

Então sua expressão se esvaziou outra vez.

— Embora seja uma proposta interessante, ir para a cama com uma mulher que agiria como Joana d'Arc indo para a fogueira não me atrai.

Clare arqueou as sobrancelhas.

— Eu pensei que libertinos gostassem de seduzir inocentes.

— Pessoalmente, sempre considereei a inocência muito aborrecida. Prefiro uma mulher experiente.

— Posso ver que uma mulher comum não o seduz, mas, com certeza, uma com beleza o faria superar seu tédio — ela replicou, ignorando o comentário. — Há várias meninas muito bonitas na aldeia. Devo verificar se alguma delas estaria disposta a sacrificar sua virtude por uma boa causa?

Com um movimento rápido, o conde se aproximou e segurou-lhe o rosto. Clare sentiu seu hálito de conhaque, e suas mãos lhe pareceram quase escaldantes.

Enrijeceu, e então obrigou-se a ficar absolutamente imóvel enquanto ele lhe examinava o rosto com olhos que pareciam enxergar os segredos mais sombrios de sua alma.

— Está longe de ser a mulher comum que finge ser — falou, quando ela já não podia mais suportar o escrutínio, deixando-a abalada.

Para alívio de Clare, afastou-se e apanhou a taça, servindo-se de

mais conhaque.

— Srta. Morgan, eu não preciso de dinheiro e posso ter todas as mulheres que eu quiser sem a sua ajuda. Também não tenho o menor desejo de destruir minha reputação, tão duramente conquistada, tornando-me um benfeitor. Agora, vai me deixar em paz, ou terei de usar a força?

Clare se viu tentada a dar meia-volta e sumir dali. Em vez disso, ergueu o queixo.

— Ainda não estabeleceu um preço para o seu eventual auxílio. Deve haver alguma coisa. Diga-me, e talvez eu possa atendê-lo.

Com um suspiro, o conde se largou no sofá e a estudou a uma distância segura. Clare Morgan era pequena e franzina, porém ocupava por completo o espaço onde se encontrava. Era uma mulher formidável. E suas habilidades provavelmente haviam sido aperfeiçoadas enquanto auxiliara o pai, agora falecido.

Embora ninguém pudesse chamá-la de linda, não era feia, a despeito de seus esforços para parecer séria. Suas roupas simples enfatizavam-lhe o asseio, e o modo como usava os cabelos escuros, bem presos, tinha o efeito paradoxal de fazer seus olhos azuis parecer ainda maiores.

A pele de Clare possuía a suavidade de uma seda aquecida pelo sol, e os dedos dele ainda formigavam, percebeu, intrigado.

Não, ela não era nenhuma beldade. Contudo era inolvidável, e não apenas por sua teimosia. Embora a moça fosse uma pedra no sapato, ele admirava sua coragem em ir até ali.

Só Deus sabia que histórias circulavam sobre sua pessoa no vale. Os habitantes locais provavelmente o viam como uma ameaça em potencial para o corpo e a alma.

No entanto, ali estava ela, com sua paixão e exigências.

O pior era que estava perdendo seu tempo ao tentar envolvê-lo com um lugar e com pessoas que ele já decidira havia muito abandonar.

Uma pena que ele não tivesse começado antes a tomar o seu conhaque. Se tivesse feito isso, talvez estivesse inconsciente no momento em que a indesejada visitante havia chegado. Mesmo com

toda a sua rejeição, ela provavelmente continuaria sua campanha para conseguir ajuda, uma vez que parecia convencida de que ele era a única esperança de Penreith.

Nicholas começou a especular sobre o que Clare Morgan desejava dele, em seguida parou quando se viu fazendo isso. A última coisa que queria era se envolver. Muito melhor seria fazer seu cérebro já enevoado pelo conhaque se concentrar em como convencê-la de que sua missão era impossível.

Mas que diabo ele poderia fazer com uma mulher que se mostrava disposta a suportar um destino pior que a morte em busca de seus objetivos? O que poderia pedir de tão chocante que ela se negaria a fazer?

A resposta lhe veio com a simplicidade da perfeição. Assim como o pai, Clare devia ser metodista, parte de uma comunidade sóbria de crentes virtuosos. Seu *status*, sua identidade, tudo dependeria de como os companheiros a viam.

Triunfante, Nicholas se acomodou e preparou-se para se livrar dela.

— Tenho um preço, claro... Mas um que não irá se dispor a pagar.

— E qual é? — indagou ela, cautelosa.

— Não se preocupe. Sua virtude, oferecida tão a contragosto, estará segura. Tomá-la seria entediante para mim, e você provavelmente apreciaria se tornar uma mártir em meio aos meus desejos perversos... O que eu quero — ele fez uma pausa para dar outro gole no conhaque — é a sua reputação.